



XXXII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE 2012 DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

RESUMOS

Sonia Gomes Pereira

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Os exercícios das cópias dos nossos artistas na Europa: o que viam e o que escolhiam

Já é por demais conhecida a prática de cópias pelos artistas do século XIX e mesmo do início do século XX de obras dos grandes mestres da tradição europeia. Todas as academias de arte possuíam exemplares destas cópias e a antiga Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro não fugiu a esta norma – acervo atualmente dividido entre o Museu Nacional de Belas Artes e o Museu D. João VI da Escola de Belas Artes da UFRJ.

Em geral, estas cópias entraram para a coleção da Academia por três vias: aquisição da instituição ou doação de particulares, além dos envios dos alunos em seu pensionato na Europa.

O objetivo desta comunicação é focar este terceiro grupo – os envios -, tentando analisar melhor as escolhas artísticas que foram feitas por estes alunos.

Assim, interessa-nos especialmente saber em que locais foram realizadas estas cópias e, dentro do possível, verificar o acervo que estava disponível aos alunos para estes exercícios. Isto é, durante o período de gozo do Prêmio de Viagem, o que podiam ver e, dentro deste universo, quais as escolhas que fizeram.

Tomando as cópias pintadas do acervo do Museu D. João VI como estudo de caso, vamos examinar a variada procedência destas cópias, mapeando o percurso dos nossos alunos, especialmente na Itália (Roma, Florença e Veneza) e na França (Paris). Iremos, assim, tratar dos principais locais em que estas cópias eram realizadas e seus prováveis acervos na época.

Aqui, portanto, mesclam-se várias questões: as possibilidades abertas pelas viagens de estudos, a metodologia de ensino no universo acadêmico, a política de colecionismo da instituição e as escolhas individuais dos artistas.